

## UMA REFLEXÃO ONTOLÓGICA DO LUGAR DA PESSOA “TRANSVYADA” DENTRO DA PAISAGEM URBANA – A CIDADE E O SUJEITO TAL COMO OVO E GALINHA

Ana Clara Souza e Silva <sup>1</sup>  
Matheus Silva Nascimento <sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

De antemão, seria improvável pensarmos alguma ligação entre o que Clarice Lispector propunha em seu conto *O ovo e a galinha* e um ensaio teórico que visa pensar a dinâmica da sexualidade urbana na contemporaneidade, e é arriscado dizer que de fato, a princípio não há. No entanto, ao ler *O pornô como experiência urbana* de Baudry (2008), nos deparamos com uma possível intersecção quando o mesmo releva que: “O jogo como a imagem é propriamente urbano”. A imagem é o que une ambos autores. Ao se debruçarem sobre o distanciamento entre a representação de uma imagem (ou de um objeto) do que ela mesma se propõe a representar somos postos a pensar que a forma por si só não é capaz de representar a existência de algo, tal como ovo não é somente sua casca, a morfologia da paisagem urbana não é a cidade, ou seja: “A paisagem corresponde a uma forma visual da materialidade urbana, mas construída pelo imaginário que se amplia em múltiplos contornos” (FERRARA, 2012, p.47).

A partir dessa fonte inspiradora, este ensaio tem como por objetivo principal refletir os impactos da construção de uma paisagem urbana, por parte das esferas responsáveis pelo planejamento urbano, na reprodução e visibilidade de uma sexualidade urbana “transvyada”. Tendo como justificativa, o fato de ainda não existir estratégias claras, que tracem políticas públicas no que tange a liberdade sexual na cidade, ou seja, se essa mesma gestão e planejamento acabam sendo igualmente um reflexo dessa ideologia que se propõe pensar a forma como totalidade do espaço e não uma parte dele.

Para dialogar sobre tais problemáticas, o ensaio ao longo de seu desenvolvimento se apoia na metodologia fenomenológica uma vez que, ao nos debruçarmos sobre as problemáticas em torno da afirmação de uma livre sexualidade dentro do meio urbano, é

1 Orientadora; Mestre em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, [myanaclara@gmail.com](mailto:myanaclara@gmail.com);

2 Orientando; Graduando em Urbanismo pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, [matheus.tropicalia.atlas@gmail.com](mailto:matheus.tropicalia.atlas@gmail.com);

necessário primeiramente compreendermos o processo ontológico inserido dentro da dinâmica sujeito-cidade transfigurada nesse estudo sob uma interpretação existencialista do conto *O ovo e a galinha* de Clarice Lispector. Ou seja, parte-se do pressuposto do carácter autónomo do sujeito em produzir e significar o espaço urbano em que se encontra, sendo a casca que lhe dá forma, uma visibilidade de sua contradição.

Ademais, admite-se também que, qualquer discurso propositivo aqui desenvolvido para pensar uma nova dinâmica sexual urbana deve ser dialogada não somente pelo viés da aplicação técnica como mecanismo de dissolução dos problemas urbanos uma vez que, as disputas analisadas encontram-se, até então, concentradas no campo simbólico pois, mesmo que existam questões tangentes a má distribuição de renda, e ao fluxo mercadológico, elas se fazem presentes junto as construções identitárias e culturais o que sustenta o carácter dinâmico do espaço.

Em síntese, o resultado esperado é justamente levantar provocações acerca de uma nova pedagogia do estudo da cidade traçando um paralelo com leituras pornoativistas, visando constituir tal como uma nova sexualização do corpo para além da genitalia dentro da dinâmica corpórea urbana, um redimensionamento do impacto entre as esferas público-privado no que tange a discussão das práticas sexuais urbanas, ou seja, visando pensar o anonimato (ou os espaços que remontam essa configuração) como mecanismo de silenciamento para propormos novos caminhos de difusão que estejam em consonância com a nova agenda urbana.

## **METODOLOGIA**

Tendo em vista que o estudo se estrutura numa ponte interseccionada entre a semiótica urbana, a condição existencial e ontológica do sujeito na cidade e as diásporas que envolvem a representação de sua sexualidade, chegamos ao consenso de que o trabalho seria desenvolvido em três momentos; O primeiro deles volta-se essencialmente no estudo teórico da percepção da paisagem urbana como parte da construção dos sujeitos. Em sequência num segundo momento, são trazidos relatos empíricos oriundos de estudos de caso já realizados na comunidade acadêmica, com o objetivo de elucidar o carácter ambíguo da paisagem urbana que nega o sujeito enquanto ser protagonista do espaço. Por fim, num último momento, serão discutidas as possibilidades as quais podemos nos apropriar como subsídio para o desenvolvimento de um planejamento urbano que parte do pressuposto que a forma da cidade

é um *false cognate* de estruturas mais densas e complexas tal como a sexualidade vinculada a imagem dela.

## DESENVOLVIMENTO

### O OVO COMO CIDADE E O SUJEITO COMO GALINHA ? PONTES ENTRE EXISTENCIALISMO, SEMIÓTICA E CORPOGRAFIA URBANA.

A princípio nessa parte do ensaio, nos apropriamos de três temáticas no intuito de traçar complementaridades no que tange a discussão ontológica da inserção do sujeito no espaço urbano. Primeiramente nos debruçamos numa análise da estrutura profunda do Conto de Clarice com o objetivo de estudá-lo sob uma perspectiva filosófica existencialista utilizando De Aquino (1980) como referencial teórico condutor dessa análise. A intenção aqui é tentar formular uma alegoria da cidade como “ovo” e o sujeito enquanto “galinha” inseridos dentro do reino das coisas e humano respectivamente, a fim de postular a hipótese de que existe uma contradição na forma de compreensão do objeto (transfigurado aqui na paisagem urbana) através exclusivamente de sua exteriorização.

Para reforçar essa hipótese, é apresentado também em seguida o conceito de semiótica da paisagem urbana com o suporte de texto de Ferrara (2012), para tratar estritamente os paradigmas da representação da paisagem urbana apenas por sua “densidade visual” uma vez que a mesma: “... só pode ser apreendida na fugacidade de um instante; portanto e enquanto espacialidade que a comunica, a paisagem não tem tempo ou seu tempo é falso porque está sempre presente (FERRARA, 2012, p. 6).” Ou seja, que a paisagem apenas por sua “visualidade” não é capaz de representar o espaço a medida que retira sua temporalidade e dinamicidade, negando inclusive a existência do sujeito.

Por fim, com o intuito de encontrar caminhos metodológicos para além da exteriorização, são lançadas provocações de novas possíveis formas de apreensão do espaço através de modos que privilegiem a vivência não só abstrata, e sim concreta do sujeito no espaço, afirmando seu carácter dinâmico e histórico. Nos apropriamos aqui do conceito de *corpografia urbana* desenvolvido por Jaques (2008), como mecanismo de percepção de que não é apenas através das fotografias (por exemplo) que se é possível estudar a cidade mas, através das marcas que a mesma deixa no sujeito.

## **A CIDADE ENQUANTO GALINHA DOS OVOS DE OURO: O ANONIMATO COMO MANUTENÇÃO DE UMA PAISAGEM URBANA “CIS-HÉTERO-NORMATIVA”**

No momento anterior ao discutirmos acerca da contradição do espaço como ovo, foi apontando o risco do distanciamento entre sujeito e o objeto. Se a cidade enquanto condição pura de existência mantivesse sua atemporalidade a mesma excluiria o sujeito tendo em vista a condição contínua das construções identitárias no espaço. Nesse tópico nos concentramos especificamente em como se daria esse distanciamento existencial, partindo do pressuposto que a imagem enquanto mecanismo publicitário inserido numa lógica mercantilista, faz com que a forma da cidade seja interpretada como o espaço da satisfação pessoal do sujeito, ou ainda, como capital simbólico, que ao gerar prestígio social acaba por revelar uma estrutura de poder não somente pela lógica do capital mas, por uma dimensão cultural.

Dessa maneira, retomamos a abordagem feita por Ferrara (2012) acerca da semiótica urbana, dando ênfase nas relações de poder estabelecidas por meio do capital midiático, junto a autores que vão analisar a formação de como se dá os espaços destinados a práticas sexuais da população LGBTQI+ e como a esfera do planejamento urbano observa esses espaços e se eles estão atrelados a subsídios que ao mesmo tempo que satisfazem os sujeitos os mantém escondidos o suficiente para não destoarem de uma certa concepção esteticizada da cidade, construindo identidades híbridas.

O objetivo aqui é discutir a eficácia das políticas públicas para a livre orientação sexual nos espaços públicos ou se as mesmas acabaram por reforçar a limiaridade entre as identidades sexuais e consequentemente divulgando os espaços privados como os lugares ideais para as satisfações pessoais subjetivas dos sujeitos.

## **SEM OVO E SEM GALINHA: A EXISTÊNCIA PARA ALÉM DAS CONVENÇÕES**

Nesse último momento, são discutidas as possibilidades as quais podemos nos apropriar como subsídio para o desenvolvimento de um planejamento urbano que parte do pressuposto que a forma da cidade é um *false cognate* de estruturas mais densas e complexas tal como a sexualidade vinculada a imagem dela. Inclinando-se em textos de Boucier (2014), que visem compreender a complexidade da dinâmica sexual urbana, entendendo igualmente a importância da autonomia do sujeito e do direito a orientação sexual, cujos impactos são

perceptíveis na vida pública e não devem ser silenciados pelo anonimato da compreensão atual no que tange a vida privada, buscando uma nova pedagogização do corpo e da cidade elucidando a dinamicidade dos processos identitários.

Não existe cidade sem sujeito. Talvez seja essa uma das poucas convenções a serem conservadas aqui a pensar uma nova paisagem urbana em consonância com uma semiótica bem estruturada. As reflexões existencialistas entre a figura do ovo e da galinha por mais inocentes que sejam, nos remete a impossibilidade de ver o outro com o olhar do outro, sendo o grande desafio fazer-se como Clarice e ver além da superfície do ovo, temos que ter fome, de justiça social, medidas sócio-educativas que pensem uma nova pedagogia da cidadania, e consequentemente da sexualidade. No entanto, somente isso não é o bastante. Pensar sexualidade do ponto de vista apenas educacional não é capaz, por si só, de promover a segurança da liberdade sexual no meio urbano, uma vez que, a prática sexual não é sexualidade, sendo essa última: “[...] uma construção sócio-histórica, que se relaciona com a classe, a etnia, o sexo e o gênero, constituindo-se como elemento essencial para nossa condição humana” (DOS SANTOS, 2013, p. 2 *apud* LOURO, 1997).

Então para garantir de antemão que não exista essa confusão é necessário pensar na reconfiguração das convenções público e privado, ou seja, assegurar de que o espaço público não funcione como um *supergo* Freudiano que acabe gerando neuroses fazendo com que as pessoas se submetam a lógica mercantilista do anonimato, que acaba atraindo muitos jovens que por não poderem transar em suas casas o fazem em condições insalubres. Pensar em espaços que abriguem esses jovens é uma proposta razoável, enquanto a empatia não é universalizada.

O estudante e profissional urbanista deve se ater sobre essas questões uma vez que os: “Os praticantes ordinários das cidades atualizam os projetos urbanos e o próprio urbanismo, através da prática, vivência ou experiência dos espaços urbanos. Os urbanistas indicam usos possíveis para o espaço projetado, mas são aqueles que o experimentam no cotidiano que os atualizam.” (JAQUES, 2008). Partindo desse pressuposto reafirmamos o carácter dinâmico do espaço e consequente as construções identitárias dos sujeitos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção desse estudo tendo como base um conto não linear e abstrato, mostra que é possível a elaboração de pontes interseccionadas que discutem as problemáticas acerca da produção desigual do espaço urbano. Para além dos referenciais teóricos tradicionais, a estética literária analisada em sua estrutura profunda e reflexiva, é capaz de informar modos de percepção e vivência do sujeito na cidade bem como suas restrições e desejos, uma vez que a cidade enquanto materialização do urbano, ainda é o lugar da satisfação pessoal. Reconhecer isso é abrir-se para novas formas de grafia no estudo de campo, uma vez que, como elucidado, a paisagem enquanto dimensão de estudo representativo, ainda é insuficiente no que tange principalmente as problemáticas inseridas nas práticas sexuais urbanas aqui não aprofundadas. Tais como os impactos psicológicos e suas respectivas respostas psíquicas e corpóreas, a dimensão do fetiche e a legalização da prostituição. Então, pensar novas diretrizes metodológicas no estudo das cidades faz-se necessário para equilibrar o poder-saber acadêmico que ainda distancia o sujeito do objeto de estudo, e tal distância não cabe ao urbanista inserido dentro das dinâmicas identitárias na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Sexualidade urbana, Espaços “Tranvyados”, Paisagem urbana, Semiótica.

## REFERÊNCIAS

BAUDRY, Patrick. O pornô como experiência urbana. **Cadernos PPGAU/FAUFBA**, v. 7, p. 55-65, 2008.

BOURCIER, Marie-Hélène. BILDUNGS-POST-PORN: notas sobre a proveniência do pós-pornô, para um futuro do feminismo da desobediência sexual. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 8, n. 11, 2014.

DE AQUINO, Cleusa Suiter. Existencialismo e visão existencial no conto " O ovo e a galinha", de Clarice Lispector. **Travessia**, n. 1, p. 5-12, 1980.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. As mediações da paisagem. **Libero, São Paulo**, v. 29, n. 15, p. 43-50, 2012.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. **Arquitextos, São Paulo**, v. 8, 2008.